

A PUREZA DA PAUTA

FICHA TÉCNICA

a pureza
da pauta

(2012-2016)

I

DEPOIS DE ALGUM TEMPO
COM MARÍLIA, SERAPHIM
PARTE NOVAMENTE EM SUA
BUSCA.

DESCREVE SUA HESITAÇÃO
DIANTE DOS MODOS DE AMAR EM ÉPOCAS
PASSADAS

anjo no nome, Angélica na cara...
isso basta?

em que mergulho agora
como me afundo?
se uma boneca fala...
se você vem sempre aqui...
sem madrigal
sem violão
sem modos para me apoiar

a noia já não cola
mesmo se você dançasse
aquela valsa, parece que caduca
aquela lírica
fóssil, difícil de fender
alguma coisa hoje

ESCREVE MOTIVADO PELA FOTOGRAFIA VISTA
NO ENCARTE DO CD DA CANTORA DESCALÇA

meu pensamento andará por onde você fica
estática

azul
parada na pose preparada

na maré
desaguará conforme a altura da Lua
azul marinho
azul escuro

não andará por dentro
mas bem mais embaixo do que você pensa
por onde andará meu pensamento

AINDA SOZINHO, EM SUA UTOPIA, DEDICA
UM POEMA AO AMIGO POETA MARCELO SAHEA

seria ao longe,
aleatório?

por que não foi escolha,
páreo?

porto, par,
princípio de tudo?

de tudo o quê?
manobra?

quem há de saber?
mas qual?

UMA AMIGA SURGE EM SUAS “LEMBRANÇAS DE
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 1”

faria jus?
só se visse sua boca

uma boca de jura?
de jura
cheia de dentes
faria como Judas:

- um beijo
- um conto enviado por e-mail
- uma passagem de ida para ver o tu-iu-iu

A MESMA AMIGA APARECE EM “LEMBRANÇAS DE
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 2”

desculpe se insisto nisso...

em sua boca

seus dentes na memória

feito Berenice

só se fico louco

A AMIGA ESTÁ NOVAMENTE EM “LEMBRANÇAS DE
CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 3”

o que te espera no Brasil, além da chuva?

a cuca
a onça
um saci?

os crocodilos?

a modinha da Bachiana número um
para orquestra de violoncelo...

uma mocinha miúda que anda de motocicleta

LEMBRA-SE DE UMA AMIGA DANÇARINA EM
“RENATA E O FLAMENCO Nº 1”

1.

a mim agrada fumar
me agrada erva
fumaça
um pouco de Paco
de palma
de Camarón gritando marijuana

2.

certo dia me disse um amigo flautista
falava das doze notas da música dodecafônica
das músicas de Lutero e Bach
falou do flamenco
disse que antes o homem não dançava
cantava parado
– as mãos nos bolsos do colete –
que as moças dançavam descalças

3.

Renata te conta de onde tira tudo?
concisa, te mostra como se divide
o ritmo? como diverge com Renata?
como se diverte ela quando tira
ritmo de tudo tudo tudo tudo?

4.

algumas de flamenco?
no mínimo uma bailarina

lá pelas seis horas da manhã
ao som dos galos
cigarra de Fá a Fá

5.

pensa na palavra flama,
plasma, pensa qual será
o estado da matéria em chamas
no poema que você
coloca logo de cara

6.

pala – imagino as pernas, caso você dance
bala – me remete ao verde, cinza, tiro em sua direção
mala – meu crime, lá você está presa, como nas fotografias
fala – espaço para imaginar a voz, fonte de tudo
vala – nota nova do latim vulgar

LEMBRA-SE NOVAMENTE DA AMIGA DANÇARINA EM
“RENATA E O FLAMENCO Nº 2”

um apelo ao inorgânico
ou abuso da pedagogia da perversão?
educar os estímulos...
leitura do sexo...
o corpo leviano entrando no corpo da mulher amada,
conhecimento por inteiro,
no diário de sua inocência,
um cotidiano atroz.
a diversidade das escolhas;
todavia, da minha morada,
– a gaia ciência –
às vezes, imitamos o pior.
o próprio saber leviano...
então pergunto, por que não?
o canto choro,
chão, para você dançar,
parar o trânsito de um estado a outro.

UMA VEZ EM BRASÍLIA, DEPOIS DE FUMAR, MEDITANDO
SOBRE A PROSTITUIÇÃO QUE VÊ NA CIDADE, AO REDOR
DO HOTEL, COMPÕE “IMPRESSÕES DE BRASÍLIA Nº 1”

chego em Brasília
da sacada do hotel consigo ver os prédios do Congresso
Nacional
lembranças do 11 de setembro e do meu teco-teco
tanque que aponto em direção ao poder

(...)

um apito para o índio bruto!

fumo... marola... diante da lagoa...
... ainda estou na sacada

resta a cama para adormecer à tarde

(...)

é noite, desço
– escolho o prelúdio nº 1
para violão, de Villa-Lobos –
trilha que seleciono

aqui em baixo tudo é Pasárgada

há uma puta em cada esquina

aquela que admiro mais

(...)

épica
virei o rosto para ver e confirmar

ei-la
escolhida a dedo

óbvia
mostrava o ventre quando voltei

(...)

o cabelo enrolado
miragem da justiça cega
cegonha, magra,
o pescoço branco e claro
justa
curva vezes curva
o vazio quando se insinua calmamente

(...)

cavalheiro
teria sido fácil
para ela, que estava tão difícil
exótica
só para poucos

AINDA EM BRASÍLIA, DA MESA REDONDA
DO CONGRESSO DE POESIA, MEDITA SOBRE OS PÉS
DESCALÇOS QUE UMA MOÇA DA PLATEIA COLOCA
SOBRE O ASSENTO DA CADEIRA, DIANTE DE SI, EM
“IMPRESSÕES DE BRASÍLIA Nº 2 – PRELÚDIO E CORDEL”

(prelúdio)

olhar para a plateia e pesco; a isca?
ninguém imagina
o que cada um procura?
a mesa estabelece a cena, cenário bom de achar...
o congresso gruta – algumas...
a mesma que me delicia,
ainda há pouco, quando estava ali – mais perto,
porém mais torto,
mais de acordo com ela.
enquanto os outros falam,
invoco alguma sobra acesa nos miolos;
justo ela, agora tão sestrosa,
tinha de colocar os pés descalços
por cima dos encostos
vagos das cadeiras da frente.
fila? daí em diante
só me lembro disso, só
dela... só lembro dos pés.
estabilizar a dança...
pertencço à moça que assiste.

(*cordel*)

quem há de dizer? parece
dançando, como Isadora,
que com a imagem das aves
inteira se identifica.

todos os gestos da ave,
os dedos, penas, as unhas,
rentes, a linha dá forma
às asas, quando se abrem.

gestos das folhas, dos voos,
do voo dança da moça
distráida; saberia
ela... como saberia?

faz a dança sem saber
que dança – o movimento
dança vem de mim –. alcance?
aquele que atiro a ela.

e dela? nada? apenas
pose para descansar?
então por que? porque sim,
porque precisa da causa...

fera na minha memória.

II

SERAPHIM, PARA DESCANSAR,
INTERROMPE SUAS BUSCAS E
SE LEMBRA DOS ESTUDOS DE
LINGUÍSTICA.

LEMBRA-SE DO AMIGO LUÍS VENEGAS E COMPÕE
“O MONOGLOTA”, DEDICADO A ELE

o monoglota
o monolítico
o mono motor para fazer a volta

monocórdio
para atormentar
mono modulado
o rádio
a frequência limitada do miocárdio
na hora de tamborilar os dedos na
caixinha de fósforo

fosfato?
foi-se na marola
na monomania do macaco
na pia
no vaso
no jardim onde descansa a monocotiledônea

RELENDO O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL,
DE FERDINAND DE SAUSSURE, PERCEBE, NO LIVRO,
ALGUMAS PASSAGENS BASTANTE POÉTICAS. INSPIRADO
EM HEGEL POETA, DE HAROLDO DE CAMPOS, COMPÕE
“SAUSSURE POETA Nº 1”

alguém pronuncia a palavra nu
para o observador superficial
isso é apenas língua, palavra, coisa

examina atentamente
nu são três ou quatro coisas
perfeitamente diferentes:

considere a palavra como som,
expressão da ideia,
no latim, nudum

é o ponto de vista que cria o objeto
antes de tudo
uma das maneiras de considerar o fato.

PELOS MESMOS MOTIVOS DO POEMA ANTERIOR,
COMPÕE “SAUSSURE POETA Nº 2”

o papel da língua frente ao pensamento
entre conceito e som
união que conduz a delimitar unidades.

o pensamento,
caótico por natureza,
é forçado a ser preciso ao se decompor.

nem materialização dele,
nem espiritualização do som,
mas o fato, de certo modo misterioso,
do pensamento-som implicar divisões;
da língua elaborar suas unidades
entre essas duas massas sem forma.

AINDA PELOS MESMOS MOTIVOS,
COMPÕE “SAUSSURE POETA N° 3”

o ar em contato com a capa de água

a superfície da água se decompõe numa série de divisões

de vagas

são essas ondulações

esse acoplamento do pensamento com a matéria fônica

PENSA EM RETOMAR SUA BUSCA QUANDO,
DIANTE DO RELÓGIO, SE DÁ CONTA DO TEMPO

cuco? ainda agora admirava
a torre, recorte de uma medida
de tempo, temperatura propícia
para começar. alvo?
defina imaginação ativa...
pensava numa praça, era noite,
o galo era memória de antes.

III

AO TERMINAR OS ESTUDOS
DE LINGUÍSTICA, SERAPHIM,
COM DILIGÊNCIA, RETOMA
SUA BUSCA.

AO COMPRAR HABITUALMENTE SUA MACONHA,
REPARA NOS ENCANTOS DA FILHA DA TRAFICANTE

por que a filha da traficante é tão proibida?
sei que ela é fina
branquinha feito cera
e a velha velará por ela na entrada.
tão generosa
facilitará o acesso, o ponto, a dose
significa o ingresso.
enquanto o prêmio dorme
será poste
atalaia;
na frente lembra a bela –
o paradoxo é olhar a velha
e viajar...

VOLTANDO DE SUAS VIAGENS A MATO GROSSO DO SUL,
LEMBRA-SE NOVAMENTE DA AMIGA JUCÉLIA E, AO
LER O POEMA “AO REDOR DO QUAL”,
DE JUAN GELMAN, COMPÕE “LEMBRANÇAS DE CAMPO
GRANDE – MATO GROSSO DO SUL Nº 4”

ju de junho-julho
que pode dizer
a porta dos deuses entreaberta
– no banquete, corresponde à hora da comédia –
agora me remete ao ah!
sua surpresa
momento adequado para lembrar
dos versos que te fiz

ju de gelosia
harmonizada no i
quem diria, saberia como nenhuma
delas quando digo
nada me faltará
como no salmo
deixa a luz entrar, mas vaga
o suficiente para confundir
e continuar
pode dizer ciúme
janela que você não mostra

ju de Jerusalém

a noite do deserto não é mais bela do que os teus cabelos
a Lua nada é, diante da tua boca
– meia Lua pronta para refletir
deitada como barca, nave
estátua de dimensão imensa
espalhada na Ilha de Páscoa –
nenhuma ilha te retrata tão bem
nenhuma justiça te faz o céu

ju de jujuba

jujuba está no dicionário e quer dizer um tipo de planta
vistosa, por isso a ramagem saindo do seu seio
leite para as primeiras horas da manhã
coragem
pois também significa goma, grude
gosto bom de fruta fabricada
e açúcar

ju de Júpiter

só me falta chover
ser cisne, águia
forasteiro aí, em sua cidade
jumento a carregar Jesus
coitado para imaginar:

ju
de juta
corda? para te amarrar?
mas isso quer dizer fibra
até seria citação de alguma coisa gótica, pode
ser martírio para te agredir
uma bruxa que arde com urgência

AO LER OS POEMAS DE UM AMIGO SOBRE UMA
MOÇA CHAMADA ISADORA, AMIGA EM COMUM,
RECORDA-SE DE OUTRA AMIGA

um moço me falava de uma moça via e-mail
Isadora
– quem me lê é óbvio
aquilo que Isadora evoca –

mas o que Isadora de verdade tem é uma amiga
dela te direi: é pérola
sob seu casaco ostra
sol amarelo ouro
mesmo no amarelado rosto
mira o que ela tem de fino nos dedos

DEDICA UM POEMA A SUA AMIGA NATÁLIA

sempre te pensava vidro
algo que se quebra facilmente
por isso muito cuidado

serena
teus olhos de vidro seriam para passear
tão singela, que não há outra palavra para te descrever

no meio da valsa, entretanto,
pois sonhei que tu estavas tão linda...
algo de bater, campana, coisas de couro

curioso
no mesmo instante já te vi vestida de vermelho
Santa Bárbara, esteja pronta quando é motivo de veneração

bem mais venérea, par, parceira de alguns momentos
íntima só de brincadeira
pergunto se sua saia levanta enquanto você gira

feito dervixe?
nunca,
a nuca se insinua nua nos cabelos

Iansã, que desce nos terreiros,
a porção de terra que faltava
para você entrar descalça
e o vento

APÓS O CAFÉ DA MANHÃ NA PADARIA ONDE VAI
REGULARMENTE, REPARA NOS ENCANTOS DA
MOCINHA QUE TRABALHA NO CAIXA

a pomba gira trabalha lá na padaria...
mil molas miúdas desencaracolam
queria ser seda para me enrolar nos seus cabelos
duros de alcançar

a algazarra durante a primeira ceia da manhã
festa quase santa de pão, manteiga, café
expresso sem açúcar
é como sacrificio o paladar em sua honra

em sua cor
em sua fineza corriqueira de mocinha
educada para ser gentil, certa
Marte diante do Sol

DEDICA UM POEMA A SUA AMIGA VERA LÚCIA
DEPOIS DE ALMOÇAR EM SUA COMPANHIA

fazer com Vera Lúcia um romance
– peço a Santa Luzia que me permita ver
o que estou fazendo

então por quê?
porque não entendo bem o então
vai ver enxergo nela algo que me agrada

alguma coisa além do cão
do cachorro que passava ali, depois de um ano
livro para Vera ler e pensar

observo assim as nebulosas
a poeira não é mais acúmulo dos anos
o universo repleto de poeira cósmica e de ondas
ondas ondas de rádio

procuro a mesma moça
sua canela afina, qual os ombros dados no decote
coisas difusas passam por sua cabeça

será que fuma? qual a droga de Vera para me ver?
chego meio cansado...
nada de pedra, nem meio do caminho,
essa falácia que broxa

DEDICA OUTRO POEMA A VERA LÚCIA,
EM QUE MENCIONA O MOTE PROPOSTO A GIL VICENTE
“MAIS VALE UM BURRO QUE ME CARREGUE,
A UM CAVALO QUE ME DERRUBE”

Vera de mote?
você sabia onde estava montando quando me acenou
como se espantasse a mosca?

a mosca-dúvida, começo de tudo?
longe disso, me refiro à mosca da cabeça branca
aquela que não é um animal político
apenas está pronta para se fundir ao teu DNA
te deixa forte, mas fode com tua aparência

Vera de monte?
escuta o zurrar do burro, o pinote, o coice?

agora é sabre, ferrão, até o burro te derruba
você nem faz ideia, Vera,
das cordas para te amarrar
das moscas para te picar
das dúvidas

PASSEANDO NO JARDIM ZOOLOGICO,
REFLETE SOBRE SUA BUSCA

musas amiúde
ao longe posso imaginar as portas dos Jardins de Hades
oásis
título interessante para uma peça de piano

mas é claro
que eles se insinuam como paisagem
disso eu sei
basta estar diante dos quadros
do quarto
diante das dicas penduradas no teto
dispersas por aí
bem antes de eu chegar ao mundo

tão militante
tanque, trator
te espero na entrada do museu da Revolução
em Havana, Cuba
não tiro da cabeça a mocinha descalça
desde Varadero

talvez signifique minha luz
aquela que carrego desde que caí e que me deixa coxo
harpia presa no viveiro
passeio com você de braços dados no jardim zoológico
não sabe como cabe tanto mato dentro do rinoceronte

PARA SUPORTAR ESTAR NO MUNDO,
REFLETE SOBRE A MACONHA,
OUTRA MUSA IMPORTANTE EM SUA VIDA

Ur
fosse urro
único apelo que ecoa
escuta o ruído quase mudo
não fosse fluxo
foz
rosa que me orienta

ajuda que não recuso com facilidade
observa a Lua quando desvia a luz vinda do espaço
a cor cai do céu como se fosse chuva
onda difícil de verificar

mato
aquela que me delicia
preciso disso para me entusiasmar

POR FIM, É JUSTO INDAGAR SE A LÍNGUA É REFLEXO
OU FONTE DE TODAS ESSAS COISAS

musas amiúde?
pensa numa praça
e na leitura surrealista do Marquês de Sade
) eu acho que você não se decide
se a linguagem é reflexo disso tudo
ou é a fonte do desenvolvimento dessas coisas
que passam por aqui
para te capturar, rede
estrutura para te definir (

índice

05. I

07. anjo no nome, Angélica na cara...

08. o meu pensamento andarรก por onde você fica

09. seria ao longe

10. lembranças de Campo Grande – MS n 1

11. lembranças de Campo Grande – MS n 2

12. lembranças de Campo Grande – MS n 3

13. Renata e o flamenco n 1

16. Renata e o flamenco n 2

17. impressões de Brasília n  1

21. impressões de Brasília n  2

23. II

25. o monoglota

26. Ferdinand de Saussure poeta n  1

27. Ferdinand de Saussure poeta n  2

28. Ferdinand de Saussure poeta n  3

29. cuco? ainda agora admirava

31. III

33. por que a filha da traficante   tão proibida?

34. lembranças de Campo Grande – MS n 4

37. um moço me falava de uma moça via e-mail

38. sempre te pensava vidro

39. a pomba gira trabalha lá na padaria...

40. fazer com Vera Lúcia um romance

41. Vera de mote?

42. musas amiúde

43. Ur

44. musas amiúde?

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte é formado em Português e Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; fez o mestrado, doutorado e livre-docência na mesma Faculdade, onde leciona desde de 2002 no Departamento de Linguística; atua nos cursos de graduação em Letras e nos seguintes cursos de pós-graduação: Semiótica e Linguística Geral; Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa .

Na área acadêmica, é autor de:

Semiótica visual – os percursos do olhar;
Análise do texto visual – a construção da imagem;
Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações;
Análise textual da história em quadrinhos – uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê;
Enunciação e tensividade – a semiótica na batida do samba;
O discurso da poesia concreta – uma abordagem semiótica;
A significação musical; A significação na pintura;
A significação na fotografia.

Na área literária, é autor de:

Amsterdã SM (romance);
O retrato do artista enquanto foge (poesias);
Papéis convulsos (contos);
Palavra quase muro (poesias);
Concretos e delirantes (poesias);
Irmão Noite, irmã Lua (romance);
M(ai)S – antologia SadoMasoquista da literatura brasileira (prosa e poesia), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso;

Fomes de formas (poesias), composta em parceria com os poetas Paulo Scott, Marcelo Montenegro, Delmo Montenegro, Marcelo Sahea, Thiago Ponce de Moraes, Luís Venegas, Caco Pontes;
A musa chapada (poesias), composta em parceria com o escritor Ademir Assunção e o artista plástico Carlos Carah;
Os tempos da diligência (poesias);
Menthalos (história em quadrinhos), composta em parceria com o artista plástico Jozz;
O livro das músicas (poesias);
Sara sob céu escuro (romance);
Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira (prosa e poesia), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso;
Polifemo, composto em parceria com Ana Cristina Joaquim (poesia);
Ernesto na Torre de Babel, composto em parceria com E M de Melo e Castro e Rodrigo Bravo (2016).

Atualmente, escreve nos sites:

Pararraios Comics – www.parraioscomics.com.br – sobre história em quadrinhos e semiótica;

Musa Rara – www.musara.com.br – sobre literatura brasileira contemporânea;

Carta Maior – <http://www.cartamaior.com.br/> – sobre língua, literatura e ideologia.

esse livro é dedicado
ao Rodrigo, à Vitória, à Tati,
ao Josuel, ao Matheus, à Janaína
e, é claro, à Lilli...

A Lira Fractal de Seraphim Pietroforte

Rodrigo Bravo

A boa poesia é sempre poesia engajada. Não, porém, com as vilezas do mundo chão ou com os vãos desígnios da política – “a arte pouco interfere nisso”, como diria Glauco Mattoso –, mas consigo própria e com sua história. Se tangencia a realidade, louva e censura grupos e pessoas, expressa e causa sentimentos nos corações dos impressionáveis, fá-lo em segundo plano. Boa poesia é, por um lado, imitação, artifício, dolo e logro; é um adensamento (*Gedichtung*, como diria Vilém Flusser) do intelecto sobre si mesmo, que coage o pensar com novas regras e, em sacra relação com o indizível, expande a linguagem humana ao conferir-lhe novas possibilidades de significar a realidade. *True art is building walls around our bland reality*. A arte poética, assim como as demais, erige novas paredes para cercar o sentido, e cercar o sentido não é limitá-lo, mas fornecer novos elos para a corrente que aprisiona Prometeu no rochedo. Poetizar é celebrar o esgarçamento dos limites da condição humana, que se mantêm sempre limites, não importa o quão alargados.

Em seu averso, a Poesia se engaja com a história. Não com a historiografia, a ciência de desvelar o passado, mas com sua história. A poesia que não dialoga com suas fontes, que não rearticula seu passado, produz expansão falsa e inautêntica da realidade. É a perigosa força destrutiva da salada de palavras, disfarçada de poesia inovadora, que cospe sequências de sintagmas e verbos a esmo, em profundo cisma com o intelecto. Seu Prometeu desacorrentado aparenta ser deus, mas seu destino nas mãos de Nubícogo Zeus espreita à esquina; a poesia desengajada de sua tradição crê ser mais do que a linguagem – que já nos é tudo! –, crê ser deusa de si própria. Cristã, portanto, com todos os males que isso acarreta. A poesia que se engaja e enfrenta a si própria, por sua vez, no diálogo com as bocas de seus arautos do passado, sabe ser incapaz de elevar o humano ao divino. Ela o torna *daímon*, intermediário entre deuses e mortais, entre o Nada e o Intelecto. A poesia engajada consigo faz (*poíei*, de *poiétes*) do humano *daimoníos* (numinoso), *diáboulos* (propulsor). Faz

dele demônio e diabo. A boa poesia é satânica, inimiga de si própria, em eterna guerra com seu passado. A boa poesia é confronto: é o impassível cerco a Ílion na arena da linguagem.

Mas como ser Odisseu nesse cerco, se essa nossa contemporaneidade já revelou Ítacas 93 bilhões de anos-luz além de nosso globo aguçado? Poder-se-ia dizer que, aparentemente, não há mais mares nunca dantes navegados, e que se percorreram todos os caminhos. Essa é, de fato, a resposta preguiçosa, e perigosa. A única coisa que sabemos é o não-saber. A sensação de esgotamento advém da mesma culpa cristã e da falta de diligência do poeta ensimesmado, burguês e comezinho, que mergulha a poesia na temível salada de palavras e na balbuciante sopa de letrinhas do pensamento. O poeta que se acha deus fixa como horizonte o próprio umbigo: daí que tudo já foi feito!; já o poeta diabo, ao fixar seu horizonte, mira um outro capeta e o enfrenta – tecem uma trama diabólica, uma horda de anjos caídos –. O poeta diabo *reigns in hell*, e caçoa de quem *serves in heav'n*.

As faces mais satânicas das artes verbais em língua portuguesa sempre foram aquelas que se engajaram, helenisticamente, com a experimentação: da agudeza narrativa de Machado ao esoterismo de Rosa, na prosa, e dos labirintos barrocos às revoluções do Modernismo, da PO:EX e do Concretismo, na poesia. Nosso exército de demônios marcha em formação Calimaquiana e Alexandrina, ele rompe nós górdios criando novas formas de redizer o velho. *It keeps invention on a noted weed*, diria O Bardo. O advento das poéticas visuais, devido à força de sua máquina de guerra, pareceu ter apontado de vez o horizonte da batalha: E M de Melo e Castro, Augusto de Campos e Ana Hatherly aqui, são Legião. O *front* de batalha da poesia verbal, desde as revoluções das hordas Drummondianas e Mattosianas, parecia deserto. Discordo. A campanha de Seraphim Pietroforte segue no extremo desse horizonte, conquistando novos territórios para a arte poética e, conseqüentemente, para nosso diabólico intelecto.

Pureza da Pauta é um livro imerso num contexto literário no qual, mais do que nunca, é necessário que a poesia se engaje com sua própria história, e demonstre que ainda é possível se valer da singularidade e da diligência como instrumentos de revolução. Tarefas que o livro não apenas realiza, mas redireciona a novos paradigmas. É um

trabalho que se encaixa como elo de nossa conversação combativa, e anseia por ser enfrentado. Um livro para se refletir sobre, em ambos os sentidos da palavra “reflexão”. O primeiro se manifesta quando, ao aplicar o raciocínio até aqui exposto ao caso concreto, consideramos *Pureza da Pauta* no eixo da tradição da lírica: ele se torna a lente que espelha uma conversação iniciada a mais de dois mil e seiscientos anos, chamada “poesia erótica”. Nesse sentido, o livro propõe um novo *éthos* para o poeta tomado pelas paixões, até então restrito ao eixo catuliano da ânsia pelo amor irrealizado e do lamento do amor perdido. A poesia de Seraphim Pietroforte não aponta para o dilacerar excruciante de ódio e amor, nem para o anseio de cobrir sua Lésbia com milhares de beijos; ela nem sequer possui, como sói ser no gênero, um objeto de desejo único (i.e. uma amada) que propulsiona a torrente de versos. Sua posição é a do interregno entre relacionamentos, o momento de plácido respiro entre os assaltos da paixão. A busca a qual o autor alude em seu escólio árcade é menos a busca por um novo amor após a perda, mas a busca por um estado sublime de solidão meditativa; um enamorar-se de si próprio, que permite dar vazão aos afetos da mente, e não aos do peito traiçoeiro. Em *Pureza da Pauta*, o cérebro toma o lugar do coração como órgão dos amores. Vejamos, o tempo do poema é o da lembrança especulativa, é o subjuntivo e o futuro condicional do pretérito (*faria jus? Só se visse sua boca*); Seraphim Pietroforte não se pergunta, como fazem Catulo e o Werther de Goethe, do porque se sente perdido no turbilhão dos amores, mas *por onde andará seu pensamento*. É poesia que não lê o vislumbre de Eros como desculpa para se esvaír em lágrimas, mas que reconhece o poder que há na imaginação como propulsora dos amores. É poesia *videodrome*, ama não a moça no encarte do CD, mas a composição da fotografia; ela não deseja a filha da traficante, mas flerta com as contradições as quais desejá-la implica. Um amor complexo, como se pode ver, transmitido, no entanto, com versos leves, enxutos, paratáticos; não vemos aqui um falar desbragado, entristecido, dilacerado, mas a serenidade búdica de um falar contemplativo (*o paradoxo é olhar a velha/e viajar*). Seraphim Pietroforte não se engaja contra Catulo com deselegantes armas de destruição em massa (como fazem os novos meninos chorões da poesia brasileira), mas com diplomacia e estratégia. Sua concepção do amor não

se soma ao coro dos desesperados, mas à minoritária (porém muito mais refinada) corrente de poetas que cultuam a face filosófica de Eros.

Não platônico, porém, como se poderia deduzir agora, é Seraphim Pietroforte. O poeta viveu o amor de outrora, que agora rememora: invoca as sensações do passado e as disseca por meio do verso. Não está perdido no *eídos*, no prospecto, mas guia-se com cautela por entre as selvas do vivido; sua catarse é revisitar a bela lembrança dos pés de uma moça sobre o assento de uma cadeira, e pertencer-lhe novamente nesse efêmero momento de reflexão. Nesse enamorar-se solitário e contemplativo, o poeta forja aliança com as tropas de Safo de Lesbos.

Erroneamente enquadrada pela crítica pudica como “melancólica”, a rival das Musas é, muito pelo contrário, a poetisa que aborda a temática do amor por meio da memória. Seu *éthos* é o da mulher madura, que fita o passado e recorda os prazeres vividos, imbuída de eufórica nostalgia. Em um de seus poemas, o fragmento 95V (abaixo), Safo realiza seu tema de amor e memória com a descrição da lembrança de uma moça chamada Gôngula (supostamente, uma de suas discípulas):

ου

ἦρ' ἀ[
δηρατ.[
Γογγυλα.[

... Gongula...

ἦ τι σαμ' ἔθεε.[
παισι μάλιστα .[
μας γ'εἴσηλθ' ἐπ.[

de fato algum sinal...
...especialmente...
[Hermes?] veio...

εἶπον· ὦ δέσποτ', ἐπ.[
ο]ὐ μὰ γὰρ μάκαιραν [
ο]ὐδὲν ἄδομ' ἔραρθ' ἀγα[
κατάνην δ' ἵμερός τις [ἔχει με καὶ
λωτίνοις δροσόεντας [ᾠ-
χ[θ]οῖς ἴδην Ἀχερ[

eu disse, “Ó Mestre...
pela sacra [deusa]
não encontro prazer em (?)...
mas um desejo de morrer [me assalta],
de vislumbrar as orvalhadas e
cobertas de lótus margens do Aquer[onte]

[...]

[...]

Ainda que em estado fragmentário, o poema permite que retiremos dados importantes de sua composição. Pautando-nos por filólogos da estirpe de Denys Page (1955:86), por exemplo, somos levados a entender que Safo deseja a morte por estar possuída por um amor perverso, ou, no máximo, por querer estar de novo ante o amor perdido – análises rasas e desconhecedoras de seu moralismo –. Com o advento, no entanto, de teóricos como a americana Jane Snyder (1997), podemos ler o poema de Safo como uma prece ao deus Hermes Psicopompo (guia das almas ao mundo dos mortos) para que interceda em seu favor na empreitada de rememorar os amores do passado durante o ato da masturbação. Nessa leitura, o desejo de morrer (*katthánen d'hímeros tis*) ao qual a poetisa alude é aquele da *petite mort*, o do orgasmo, e as margens orvalhadas do Aqueronte cobertas de lótus (*lotínois drosóentas [ó- kh[th]ois íden Akher[]*) são uma metáfora para a vulva, úmida de prazer sexual. Snyder ainda adiciona que, para Safo o “desejo, conforme articulado no fragmento de Gongula, não é uma tentativa frustrada de agarrar um objeto, da maneira que diálogos platônicos posteriores por vezes sugerem como definição, mas em vez disso uma experiência elevada daquilo que é belo, uma excitação enrubescedora provocada pelo movimento e pelo estímulo visual, um sentido ativo do engajamento repetido no qual aquele que deseja é movido a expressar seu desejo através da música. É um desejo não baseado na posse, mas na celebração.” (Snyder, 1997:45)

Dessa maneira, quando Seraphim Pietroforte articula suas memórias de episódios eróticos nos poemas “Lembranças de Campo Grande - Mato Grosso do Sul” e em “Renata e o Flamenco”, fá-lo não com o espírito do poeta desvairado e amalucado que não consegue lidar com a entropia dos relacionamentos de maneira saudável, mas com o mesmo desejo de celebrar a experiência elevada do belo que marca o paradigma sáfico de composição. O poeta não questiona, como faz Catulo, “aonde conduziste minha mente com tua culpa?” (*huc est mens deducta tua mea, Lesbia, culpa*), mas *chora o canto chão*, para que a amiga dance e pare *o trânsito de um estado a outro*; tampouco faz convites como “Vivamos, minha Lésbia, e amemos!” (*vivamus mea lesbia atque amemus*) ou imprecções como “não te disse, Pródice, que envelheceríamos/Que o solver dos amores che-

garia?” (*ouk élegon, Prodíke; geráskomen? ou proephónoun: héksousin takhéos hai dialysíphiloí?* - Rufino V.21), mas prefere observar de longe os pés da fera em sua memória e sacrificar o paladar em honra da moça do caixa na padaria. Frente a esses elementos marcantes, resta-me apenas concluir que o hedonismo, em Seraphim Pietroforte, é muito mais epicurista do que fescenino. Sua lira não vibra apenas em tons menores, mas se tensiona em harmonias que, por serem mais arraigadas no cerebral do que no cardíaco, permitem o encaixe de contrapontos mais variados e complexos.

Não apenas a leitura crítica de *Pureza da Pauta* evidencia as posições de Seraphim Pietroforte frente à poesia lírica. O próprio poeta reconhece sua posição nas falanges do hálux sáfico. No poema que abre o livro, cujo escólio nos indica a *hesitação diante dos modos de amar em épocas passadas*, Pietroforte tem a poesia de amor velha por *fóssil, difícil de fender alguma coisa hoje*. Ele recusa os modos desbragados, as valsas caducas; questiona se bastam os versos de Gregório de Matos para a nova lírica. Antes de um livro de poesia erótica, estamos diante de uma obra maximalista: uma obra que articula referências e dialoga com sua estrutura e coerções próprias. Essa consciência do artifício da linguagem, manifesta na recusa categórica aos modos confessionais e cardíacos de composição lírica, apresenta-se também, sobretudo, na seção intermediária de *Pureza da Pauta*: o interlúdio de reflexão sobre a linguagem (eis a segunda instância do refletir), antes da retomada da temática amorosa, é um traço constante da poesia de Seraphim Pietroforte aqui elevado à instância de seção independente do livro. Nesse espaço consagrado a Hermes, o poeta aproveita para emular os irmãos Campos, compondo a série *Saussure Poeta*, na qual realiza quebras de verso em excertos do Curso de Linguística Geral, conferindo-lhes nova intencionalidade poética. Por meio desse respiro entre as seções líricas, Pietroforte nos educa nos níveis de leitura de sua própria poesia: não devemos tomá-lo *prima facie*, buscando apenas depreender o sentido das palavras, mas sim dissecá-lo fonomorfossintaticamente, tangenciando suas incursões nos diferentes reinos da linguagem. Mais uma vez, é justo reiterar: estamos diante de uma poesia neuronal, e não de poesia cardiopata.

O ápice da reflexão sobre a linguagem e sua artificialidade, coincidentemente, se encontra disposto no último poema de *Pureza da Pauta*. Nele, Seraphim Pietroforte conflita duas posições diferentes de interpretação da função da língua humana: a referencialista e a imanente. *Reflexo disso tudo* ou *fonte do desenvolvimento dessas coisas*, a linguagem é apresentada no cruzamento entre essas duas tensões. Uma leitura desengajada, nos termos aqui apresentados, poderia interpretar que a resposta não é dada pelo poeta, que a deixaria em aberto para a “reflexão do leitor”; Pietroforte, no entanto, bardo da lira fractal, não se deixa quedar em cima do muro na arena da poesia: a língua é aquilo que se manifesta em seu último decassílabo, uma *estrutura para te definir*.

Referências

- FLUSSER, Vilém (2008). *História do Diabo*. São Paulo, Annablume
- FLUSSER, Vilém (2007). *Língua e Realidade*. São Paulo, Annablume
- OLIVA NETO, João Ângelo (1996). *O Livro de Catulo*. São Paulo, Edusp
- PAGE, Denys (1955). *Sappho and Alcaeus – An Introduction to the Study of Ancient Lesbian Poetry*. Oxford, Clarendon Press
- PATON, W. R (1960). *The Greek Anthology, vol 1*. Harvard University Press, Cambridge
- SNYDER, Jane McIntosh (1997). *Lesbian Desire in the Lyrics of Sappho*. Nova Iorque, Columbia University Press
- SAUSSURE, Ferdinand de (2012). *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix

Pureza da Pauta é uma realização
da série Neûron
produzida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte
e Rodrigo Bravo
Grupo Neûron de Literaturas Experimentais

São Paulo, 2017